

DA ORIGEM DE UM SYMBOLO POPULAR NA FESTA DE S. MARTINHO

Poucos assumptos haverá que se prestem tanto a um estudo de psychologia popular como o dos santos favoritos e o das suas festas.

Nas lendas orthodoxas ha sempre uma parte reflectida, consciante. Comquanto tambem o estudo d'essas — sobretudo das que carecem de base historica — pertença legitimamente ao dominio do folk-lore, aquella parte intencional que todas ellas tem, obriga a dar-lhes um logar separado e por vezes até as attrae para um campo diverso.

O mesmo pôde dizer-se com respeito ás manifestações festivas ordenadas pela Igreja. Não é decerto na symbolica commemorativa, nas allegorias de character puramente moral de que ella compõe os seus cultos solemnes, que se revela o espirito do povo, mas sim nas mil variações caprichosas com que elle, a seu sabor, orna, deturpa muitas vezes, o thema imposto. Da comparação, porém, entre a narração orthodoxa e a sua fórma vulgar, entre a solemnidade ecclesiastica e aquell'outra parte da festa que se passa fóra do recinto sagrado, facilmente se colhem dados valiosos para a apreciação da mente popular. Ahí se vê como uma fórmula, um symbolo, pôde conservar-se indefinidamente, comquanto a idéa que presidiu á sua criação deixasse ha muito de ser intelligivel; conservar-se graças a uma imaginação fecunda, que interpreta, a seu modo, sem hesitar, aquillo que lhe é obscuro, tornando, é verdade, mais densas as trevas com os esforços que faz por dissipá-las. Assim é que a fórmula, o symbolo, chega não raro a assumir nas mãos do povo uma significação diametralmente opposta á primitiva, verdadeira.

Em Portugal existe, em relação com a festa de S. Martinho, um costume popular que offerece um exemplo curioso d'aquelle processo de transformação intima, costume cuja proveniencia, enigmatica á primeira vista, é todavia tão clara como historicamente interessante.

Alludimos ao emprego do chifre como symbolo da embriaguez. Este objecto, tão desprezado que não se ousa dar-lhe o verdadeiro nome — *pruderie* aliás exclusivamente nossa — é nessas festas conferido com fingida solemnidade, em guisa de condecoração, áquelle que mais se haja illustrado nos certamens bacchicos das vespervas, ou então posto ás escondidas, satyra pungente, á portá d'algun beberão emerito, pelos espirituosos da localidade, ou em fim o symbolo é levado em triumphal procissão, pelos «irmãos de S. Martinho», debaixo de um improvisado pallio, como o Sacramento em calix ou custodia nas procissões verdadeiras. O symbolismo attribuido ao chifre naquellas ceremonias grotescas é tanto mais curioso por ser, segundo parece, exclusivo d'ellas.

Este costume, tal como hoje o pratica o povo, é não sómente grosseiro e indecoroso, mas chega por vezes a tocar a raia do sacrilegio e, todavia, na sua significação original, nem sequer profano se

poderia chamar. Não busquemos interpreta-lo pela historia do Santo, pois, nem na sua lenda authentica, nem nas variantes populares, se acha episodio algum que possa considerar-se como origem do symbolismo em que tal costume se baseia. Mais probabilidade haverá de se lhe achar a raiz cavando em terreno pagão, esse terreno fertil onde brotaram quasi todos os usos similares. Pagã é, com effeito, toda a festa de S. Martinho.

Não me consta existir hoje em dia em outro paiz o costume português de que me estou occupando, mas em algumas regiões da Allemanha cosem-se para o dia de S. Martinho certos pães ou bolos aos quaes se dá o nome de *Martinshörner* (chifres de S. Martinho). A interpretação d'este costume tradicional importa-nos, pois que a base mythica d'elle é evidentemente a mesma do costume português. Adolph Wuttke (*Der Deutsche Aberglaube der Gegenwart*) vê nos *Martinshörner* as ferraduras do cavallo de Wodan (Odhin) ou ainda chifres de bode (dos bodes de Thor?). É certo que no S. Martinho se reconhecem feições do mytho de Wodan, por exemplo o cavallo branco; todavia a explicação d'aquelle mythographo é na verdade demasiadamente artificiosa. A segunda interpretação, pelos chifres dos bodes de Thor — se são esses os que elle tem na mente — seria inadmissivel. Os bodes são com effeito um dos attributos inseparaveis do deus, que até deriva da sua relação para com elles um dos seus epithetos, porém as armas d'estes animaes é que não possuem de modo algum a importancia mythica que a hypothese de Wuttke presuppõe. Salvo erro, em toda a *Edda Saemundar* só uma vez se falla nellas, em *Hymiskvidha*, 7, onde os bodes são chamados «os das armas magestosas». Outros tem trazido ao campo, a proposito dos *Martinshörner*, a opinião de que estes sejam os chifres por onde bebia Thor. Esta aproxima-se do alyo, mas não acerta ainda. Em *Skaldskapermál*, 16, onde se falla nos vasos por onde bebe Thor, estes vem apenas mencionados de um modo geral como taças (*skalir*), sem se especialisar a fôrma nem a materia d'ellas.

Evidentemente, costumes tão persistentes, tão tenazes como são os dois de que se trata, não podem nascer de uma feição mythica secundaria; a sua base deve ser larga e sólida, uma circumstancia mythica ou cultural da mais alta significação.

Confrontando a historia de um santo, quer ella seja authentica, quer authenticada por decisão ecclesiastica, com a lenda popular — geralmente dispersa em fragmentos — resultará que a segunda se acha sempre tanto mais alterada quanto mais querido elle é; e que além d'isso o povo opera a metamorphose quasi regularmente em sentido jocundo, despidendo a narração de tudo quanto lhe parece demasiadamente austero, e bordando-a com alegres recamos de invenção sua. Não podendo elevar-se à altura d'esses personagens, cuja grandeza moral está a maior parte das vezes muito acima da sua comprehensão, trata de os abaixar até ao proprio nivel. O nosso santo é um d'estes favoritos.

Entre os santos populares nenhum de certo o é mais do que S. Martinho de Tours ¹, e nenhum tambem — com unica excepção talvez de S. João Baptista — é mais geralmente festejado, não só pelo povo português, mas por todas as nações do occidente da Europa, inclusive as protestantes. Tal popularidade, ganha pelo santo Bispo em parte durante a sua vida e entre os proprios contemporaneos, não cessou, depois da morte d'elle, de se avolumar com a addição de elementos diversos, estranhos, heterogeneos, derivados de fontes varias e, infelizmente, nem sempre puras; assim se explica que o santo fosse progressivamente perdendo em dignidade o que já ganhando na sympathia publica. Poucos seculos depois da morte d'aquelle austero modelo de virtude christã, a sua festa era celebrada com excessos taes que o Papa julgou dever intervir, e só a resistencia quasi desesperada dos fieis, a qual fazia temer uma rebelião no seio da Egreja, é que poude salvar de ser riscada do Calendario esta festa offensiva.

Muitas são as tradições apocryphas, muitos os ditos picarescos de que o povo rodeia a memoria d'aquelle heroe da fé, alterando-lhe a physionomia historica tão veneravel, e fazendo d'elle uma personagem semi-comico. Para o povo, S. Martinho é não já um santo christão, porém um verdadeiro Baccho. Peor do que isso, chega a representa-lo sob a figura de um beberrão vulgar, tomando por modelo a qualquer de entre os seus numerosos sectarios ². Nada ha porém na vida de S. Martinho que auctorise o fazer-se d'elle o Baccho christão, nada senão o acaso do dia da sua morte — dia portanto da sua festa principal — cahir no mez de novembro. Para a viticultora Gallia, sua patria, e berço do seu culto, era aquelle o mês do vinho novo, mês em que os lavradores celebrariam com regosijos, necessariamente um tanto grosseiros, um dos principaes momentos da vida agricola. Nada mais natural do que escolherem por patrono d'aquelle importante processo annual, e, naturalmente, tambem para presidente das festas orgiasticas com que lhe celebrariam a feliz conclusão, aquelle santo tão grande, tão amado já do povo entre o qual vivêra, e o immenso

¹ S. Martinho, Bispo de Tours. A 4 de Julho, *Martinus calidus*, é a festa da ordenação de S. Martinho. O dia 11 de Novembro, *Martinus frigidus*, é o dia da sua morte e da sua festa principal.

² Uns versos allemães, ornados de latim de cosinha — porventura obra d'algum estudante adorador do santo — dizem que «S. Martinho era bom homem; gostava de cerveja, e quando não tinha dinheiro para a pagar, empenhava a tunica.»

Saukt-Martin war ein braver Mann
Er trank gern cerevesiam
Und hatt' er kein pecuniam
So hies er seine tunicam.

Aqui a tunica é evidentemente um echo vilificado do formoso e tocante episodio da vida de Martinho em que elle, guerreiro ainda e pagão, reparte com um mendigo a sua capa, aquella capa tão famosa, que no tempo dos reis merovingios era levada nas batalhas, á frente do exercito, como verdadeiro palladio da França.

brilho de cuja auctoridade eclipsava e absorvia o de todos os demais santos que com elle occupam o calendario na mesma estação.

Para as nações do norte, que não conheciam a vide, a época era ainda assim solemne por marcar o termo da bella estação e o principio do inverno; a festa do grande confessor gaulês veio para ellas substituir uma das grandes festas naturalisticas da sua religião, festa que era como que um preludio da de Yule, a maior de todas, com a qual, um mês depois, se celebrava a morte do anno velho e a reascenção do sol no zodiaco.

Na primitiva Igreja catholica romana, como ainda hoje na grega, seguia-se ao S. Martinho um jejum de quarenta dias, destinado a preparar os fieis para a celebração do Natal (o Yule dos pagãos). O natural desejo de se pagarem antecipadamente de tão longo periodo de abstinencia era novo motivo para que as nações do noroeste, addictas por natureza aos prazeres d'aquella ordem, celebrassem com addicionaes orgias a festa que tão bom pretexto lhes offerecia para isso, collocada como estava na linha de separação dos dois periodos, o de alegrias que findava e o de penitencias que ia começar. O S. Martinho estava pois triplamente destinado a tornar-se um culto orgiastico.

O paganismo classico teve as suas Bacchanaes, as suas Vinalias ¹, mas, ainda que o nosso S. Martinho sem duvida recebesse larga contribuição por esses canaes, o essencial na sua caracteristica é mais septentrional que greco-romano. Com effeito, foram os povos do norte, que, abaixo da França, lhe tributaram culto mais fervoroso. Só na cidade de Londres conta elle ainda hoje não menos de sete igrejas. Na Allemanha é popularissimo, mais talvez que em Portugal, e quanto aos paises scandinavos, era tido nelles em consideração especialissima.

O beber era um ponto capital para os antigos povos do norte. Tacito menciona esta feição nacional fallando dos germanos, e pôde dizer-se sem grande exagero que poucos são os documentos da velha litteratura do norte que não comprovem directa ou indirectamente o mesmo facto. A Edda apresenta-nos deuses e heroes bebendo constantemente. A sabedoria é symbolisada no mytho de Mimir por uma fonte de hydromel: Mimir (memoria) é omnisciente porque todas as manhãs bebe o hydromel magico de que elle é dono; o proprio Odhin, o deus supremo, é-lhe inferior em sciencia, e não duvida, em occasião critica, dar um de seus olhos em troca de um só trago do sublime licor. Do mesmo modo que a sciencia, assim tambem a inspiração poetica é o

¹ Os *jogos plebeus* em honra de Jupiter Capitolino, eram celebrados na mesma epocha que hoje dedicamos a S. Martinho, pois se prolongavam desde 4 a 17 de novembro, cabindo a cerimonia principal, o sacrificio com a refeição solemne subsequente (*epulum Jovis*), nos idos d'aquelle mês; não é impossivel que a coincidencia chronologica tivesse certa influencia na festa de S. Martinho, comquanto estes jogos não tivessem a importancia que tinham os *studi romani*, celebrados em honra da mesma divindade nos idos de setembro, e que parece terem sido o prototipo dos *plebeus*. (Vid. *Pretter, — Römische Myth.* 3.^a ed., pag. 145 e 227.)

hydromel contido em tres vasos que os deuses guardam com ciosa vigilancia. Os costumes representados tanto nas Eddas como nos demais monumentos da litteratura norsica estão em perfeita harmonia com taes noções. Bebendo se comprimenta o hospede, bebendo se ratifica um contrato ¹, bebendo se prova o valor de um homem, se commemora um áusente ou um morto, e bebendo ou despejando no chão a cerveja ou o hydromel se honram os deuses.

Este ultimo costume conservou-se depois da christianisação da Europa septentrional, substituidos Christo, Maria ou um Santo a Odhin, Freya ou Thor. Esta cerimonia (*minni*) ficou sendo como d'antes um rito predilecto entre os recém-conversos, e, se pensarmos quanta similhaça haveria aos seus olhos entre ella e o rito essencial da religião nova — similhaça que de facto se torna identidade para o moderno calvinista, que não crê na transsubstanciação e para o qual, portanto, a communhão é um verdadeiro minni —, acharemos naturalissima tal adaptação. Grimm trata circumstanciadamente d'este ponto na *Mythologia Germanica* ².

«Bebia-se em honra de Thor para proveito dos campos» ³. Com effeito, a nenhum dos celestes era mais apropriado o tributo liquido que a Thor (Donar), o filho da terra, o tonante, o senhor da chuva e dador da fertilidade; a Thor «o amigo dos homens», ao qual de direito pertencem no outro mundo as almas dos lavradores, que não se peja de ir em pessoa procurar o caldeirão da cerveja ⁴; a Thor, o mais forte dos deuses, que nas bodas de Thrym esgota por seu quinhão tres cubas de hydromel, além de devorar prodigiosa quantidade de viandas ⁵, e de quem o mytho narra que, desafiado na côrte de Utgard-loki a provar o seu vigor bebendo por aposta, e servindo-se, por manhã d'aquelle gigante, de um vaso sem fundo, cuja extremidade mer-

¹ Nas *Observ. hist. e criticas* de João Pedro Ribeiro, P. 1, Lisboa, 1798, obs. 4.^a, diz o A. que «desde o seculo x, e com mais frequencia no xii ocorre nas cartas de venda, prasos, &, a declaração de ter recebido *pro robora* do contracto certa cousa além do preço especificado, que sempre com relação ao mesmo he insignificante». Cita em doc. lat., por ex. *manu balsam de ottimo vino, uno quinal de vino, panem et vinum et carnem, quartam vini, quinquaginta quinales de vino...* e em doc. port. por ex. *haã cabaga de vinho...* mas isto ao lado de *un pradium, una fugaza, uno manto, dous coelhos, hums socos*, etc. Pag. 98-99.

Em a not. 2 a pag. 99: «Na provincia do Minho ainda hoje se encontra hum costume, nas vendas dos bois, que fazem os lavradores nas feiras e mercados. Depois de justo o preço, se disputa ainda quem deve pagar o vinho, que bebe naquella occasião o comprador e vendedor, cuja despeza explicção por hum termo proprio. Depois de convirem neste incidente, he que se reputa completo o contracto, e que já o vendedor não pode variar, ainda que lhe offereçam maior preço. Será isto por ventura ainda hum vestigio da *revora* dos nossos Maiores?» Cita *ib.* un doc. de 1389 em que se diz: *«E estas vendas revoramos afi como he costume dantre doyro e minho hu fom as dictas quintas, etc.*

² Gottesdienst. Minne. Na 4.^a ed. pag. 48-51.

³ *Ib.*

⁴ Edda Saemundar. Hymiskwidha.

⁵ Ed. S. Thrymskwidha.

gullhava no oceano, consegue ainda assim com tres tragos fazer baixar o nivel d'este de maneira tal que d'esta sua proeza é que provém o phenomeno das marés ¹.

Se, por um lado, na christianisação dos velhos mythos, os attributos de Donar (Thor), considerado como deus tonante, deviam naturalmente passar, como de facto passaram, para o proprio Christo, por outro lado a figura humanamente vigorosa, e tão germanica, do mais popular de todos os deuses do norte difficilmente acharia no calendario romano um santo mais digno de lhe succeder no favor publico que o genial bispo de Tours. Esta substituição operada na mente popular é, não uma hypothese, mas sim um facto positivo, provado por testemunho contemporaneo. Em *Forumann Sögar*, citadas por Grimm no cap. já mencionado da *Myth. Germ.*, o proprio S. Martinho ordena ao rei Olau que d'hora-avante em vez de se beber os mimi de Odhin e de Thor essa cerimonia se cumpra em honra d'elle S. Martinho.

Como o beber fosse quasi—em muitos casos deveras, segundo vimos—um rito, o vaso usado para tal fim não podia ser considerado como um utensilio vulgar. Esse vaso era o chifre. Era de chifres, ninguém o ignora, que os povos do norte se serviam usualmente para beber, o que só por si teria bastado para lhes dar um papel da maxima importancia no viver d'aquellas gentes sequiosas; as circumstancias porém, mais ou menos sollemnes em que elles diariamente figuravam, deviam inevitavelmente attrair-lhes especial consideração. Poder-se-hiam colligir na litteratura norsica citações em numero indefinido que o provem. A propria lua é na Edda representada mythicamente sob a figura de um chifre (imagem ainda viva); é-o em dupla acceção: já como o vaso por onde o sabio Mimir bebe todas as manhãs o inspirador hydromel ², já como a trompa de Heimdall, a sentinella que os deuses põem nocturnamente no ceu a vigiar a ponte Bifröst ³. Entre as runas secretas, magicas, ha uma classe particular, litteralmente chamadas «runas da cerveja», (aelrunir) ⁴, as quaes, riscadas no chifre pelo qual se bebe, são potentes para desviar certos males e encantamentos ⁵.

O uso frequente que se fazia d'estes utensilios no culto religioso devia necessariamente communicar-lhes certo character hieratico. Nos templos viam-se chifres preciosos, de artistico lavor, destinados ás libações rituaes ou simplesmente offerecidos como ex-voto. D'esta ultima classe parece terem sido os dois famosos chifres de ouro achados na Jutlandia (e roubados do museu de Copenhague em 1802), nos quaes se julgou ver trabalho celtiberico. Esta ultima circumstancia,

¹ Snorra Edda. Gylfaginning. Daem. 46.

² Ed. S. Hrafnagaldr. 17. Sn. Ed. Gylfaginning. D. 15.

³ Ed. S. Voluspa, 31, 47.

⁴ Ed. S. Sigdrifumal, 7.

⁵ Ed. S. Gudhrunarkvidha, II, 22. Volsunga Saga, 41. Egilssaga.

a dar-se, provaria que tambem na nossa Peninsula a fôrma do chifre era considerada como hieratica.

Finalmente o facto de nos calendarios runicos o chifre ser o symbolo que designa os dias festivos não deixa permanecer a minima duvida sobre a antiga symbolica d'aquelle objecto, duplamente adequado a tal funcção, já por os dias de festa serem dias especialmente destinados aos prazeres da mesa, já por nelles se offerecerem libações (circumstancias que concorrem insignemente no dia de S. Martinho).

Ora, assim como o *mini* passou inalterado para a religião christã, assim tambem passou o symbolismo ligado á cerimonia. Nos calendarios runicos da época christã ainda o chifre continúa a figurar á testa dos dias sanctificados, a par de outros symbolos particulares.

Duas citações do *Glossario* de Du Cange (s. v. *Cornu*) bastarão aqui para provar que as libações continuavam a ser offerecidas aos santos pela mesma fôrma com que o eram aos deuses pagãos:

I.—Charta Witlasii, Regis Merciorum, apud Ingulfum: Et cornu mensae meae, ut senes Monasterii bibant in festis Sanctorum, etc.

II.—Ulphus Toraldi filius Eboracum divertit, et cornu quo bibere consuevit vino replevit, et coram altari Deo et Petro Apostolarum Principi omnes terras et redditus flexi genibus propinabit...

Um terceiro extracto transcripto do mesmo artigo faz mais ainda: demonstra que o povo considerava o chifre simplesmente como o vaso mais adequado a usos sagrados, *sem excepção do summo sacrificio*, pois que a auctoridade ecclesiastica julgou necessario prohibir «ne de cornu bovis calix aut patena fieret ad sacrificandum, quod de sanguine sunt».

O attributo offensivo do S. Martinho portuguez é pois na realidade o que os profanos adoradores do santo, num espirito d'arremedo sacrilego, ás vezes fingem que elle seja: um emblema cultural, um symbolo religioso de pura e historica significação.

CECILIA SCHMIDT BRANCO.